Preço 1$00 — Quinta-feira, 9 de Agosto de 1956 — Ano II - N.º 74

Semanário

A PROVÍNCIA

AVENÇA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENT

QUANDO ELAS SE CONFESSAM...

As memórias estão em moda. Os jornais viram ali um furo apreciável de publicidade e de receita e vá de revelar aos leitores a biografia de certos personagens célebres ou, pelo menos, tidos como tais.

Nós, porém, somos do tempo em que as memórias só apareciam a lume depois do seu autor ter deixado este mundo. E era compreensível. Já se disse que não se pode julgar um indivíduo antes do seu último dia e, julgar, como diria Papini, é compreende-lo em todos os seus aspectos, porque não se pode ajuizar duma vida a prestações.

Mas os tempos mudaram, principalmente em matéria de publicidade. O passado está morto e com ele enterraram-se muitos preconceitos. O mundo de hoje habituou-se a ver o indivíduo por outro prisma, que não será melhor nem pior do que o antigo mas apenas diferente; e é nessa diferença que existe a curiosidade dele ser divulgado e compreendido.

Agora surgem, como por encanto, as memórias das grandes amorosas do nosso tempo. Faltava esta espécie de depoimento para valorizar o género biográfico e, então, vá de oferecer aquilo que sempre pensámos estivesse guardado avaramente no coração da mulher. Mas a mulher, hoje em dia, descobre tudo, inclusivamente os seus segrêdos e nós ficamos a meditar onde reside agora a virtude do silêncio, daquele silêncio que era antigamente o mais belo atributo feminino.

POR
ÁLVARO PEREIRA

Hoje, a vida da biografada fica desnudada a tal ponto que ficamos a conhecer quase toda a intimidade dessas ilustres damas. E aqui surge esta pergunta, quiçá inocente mas não destituida de fundamento: Que importa ao mundo os amores da Senhora X ou a luta pela conquista do que ela reputa o seu grande amor?

Quanto a nós, que teimamos em achar tudo isto pífio, mesquinho, banal, entendemos que o mundo precisa conhecer alguma coisa de mais elevado, de mais sublime do que os arrufos do casal ou as alegrias e tristezas da candidata ao matrimónio.

Entendemos que os folhetins das grandes amorosas já fez o seu tempo e não será descabido afirmar-se que eles hoje só poderão interessar o público àvido de escândalo e da má-língua.

É preciso informar a opinião pública, mas informar com exemplos de vidas realmente célebres, de vidas altruistas, que tudo sacrifi-

(Continua na página 4)

Valerá a pena uma Campanha Educacional?

(Conclusão do número anterior)

Por tudo isto, e por muito mais, cremos que valerá a pena tentar divulgar uma série de conhecimentos que reputamos indispensáveis, não só para a boa aprendizagem do que os modernos educadores nos aconselham mas, sobretudo, para que esses conhecimentos tenham uma aplicação constante e sejam bem compreendidos, bem esclarecidos e até menos debatidos com maior largura e interesse.

Não queremos dizer, evidentemente, com estas pa-

POR
José dos Santos Marques

lavras que alguns conhecimentos que possamos vir a divulgar, sejam apresentados de uma forma compreensível e acessível e bem expostos; mas estamos em crer que outras individualidades o possam fazer com muito maior interesse.

Os fracos conhecimentos que nos propomos divulgar poderão ser, quanto muito, sinceramente expostos e, pelos menos com o firme desejo de acertar, de produzir obra útil e esclarecedora que algo de proveitoso possam vir trazer ao acanhado meio das nossas realizações educacionais.

Vejamos já alguns princípios básicos:

Falemos, primeiramente, da educação moral, da formação do carácter.

Estamos convencidos de que a educação que mais convirá para nossos filhos, será aquela que os ensinar

(Conclui na página 4)

Poetas de Portugal

Desilusão

Eu vi a minha amada, nua e bela,
Deslumbrante, de formas tentadoras,
Seios erectos, curvas sonhadoras,
Chorando o Mundo em trágica porcela.

O ouro dos cabelos era umbela.
Escondendo-lhe as graças sedutoras;
As lágrimas brilhantes, redentoras
Aljofravam-lhe o rosto de donzela.

— Que pretendes de mim, nómada errante?
— Inquire ela, com álgido semblante, —
— Queres a glória, a carne, o que te apraz?

— Silêncio, meu rebelde insaciado!...
Na Terra serás sempre torturado,
No Além serei tua: — Eu sou a Paz.

JOÃO PEREIRA BASTOS

Crónicas Irrequietas - 29

— Ora esta!

Todos os dias, ao deglutir o parco almoço, cansado da vida e dos benéficos amavios que os ares sociais nos oferecem, me salta da telefonia esta senhora grulha: *Ora esta! E eu que pensava que a minha roupa*, etc. etc..

Não sei porquê, mas engalinho solenemente com a exclamação e com o acompanhamento.

Vem uma pessoa em direcção ao «lar amante», ao céu aberto das tranquilidades máximas, — como quem sobe ao cume da montanha para respirar um ar mais puro —, e, quando se prepara todo piegas para o *dolce farniente* dos grandes confortos conjugais, salta-lhe de lá a serrazina tremebunda e vai tudo de escantilhão!

Começa por umas cascalhadas irritantes, que lembram gente engasgada, que parecem troças de barraca de fantoches, e que dão logo vontade suprema de fechar o aparelho e mandar um telegrama de protesto.

A seguir, rebenta a célebre exclamativa «Ora esta!», — dita com tamanha ênfase que até a massa cerebral estala e tremelica!

E é que não mais nos larga o pensamento, insistindo e arrepiando, massacrando e matraqueando, como uma letra infalível que se vence àquela hora.

Por muito tempo andei intrigado, sem explicar a mim mesmo a razão da minha irritação perante a be-

POR
ÁLVARO VALENTE

leza das gargalhadas roucas e da frase admirativa.

Até que há poucos dias, a sós com minhas lacubrações selvagens, consegui descobrir essa razão.

Umas e outra, — as cachinadas e a catita frase —, irritam-me por me recordarem a vida de todos os instantes, a vida que nos martiriza de manhã à noite, ontem e hoje e pelas semanas adiante, e a certa aplicação que as duas graças têm nos contactos diários:

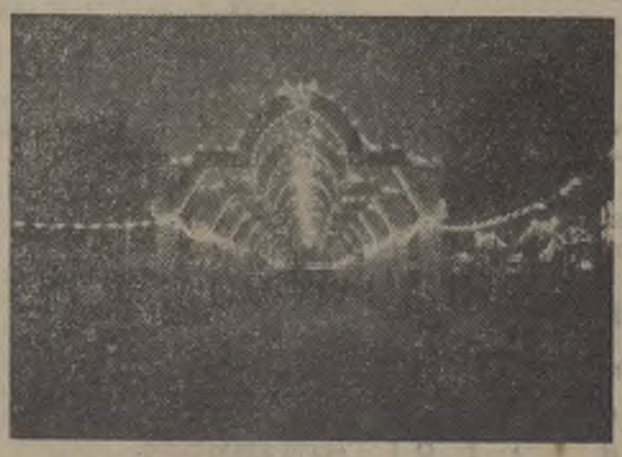
— Então os carapaus ainda há poucos dias estavam a nove escudos o quilo e agora estão a catorze? — Ora esta!

— Então um fato custava há dois ou três anos quatrocentos, quinhentos escudos, e agora vai parar a dois contos de réis? — Ora esta!

— Então o chouriço, a banha, o toicinho treparam cinco escudos dum dia para

(Continua na página 5)

Ecos das Festas Populares de S. Pedro



1956

A nossa gravura representa uma das ruas ornamentadas e iluminadas.

Por ela se faz uma pálida ideia da grandiosidade e magnificência das nossas festas.

É mais um documento que fica para a história e que servirá para mostrar aos vindouros o passado no ano de 1956, por ocasião desses dias inolvidáveis.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTARIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Todo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 567
Para boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO

Casa da Criança, de Montijo

O nosso plano de trabalho

1.ª Fase

Objectivo: Construir e apetrechar um edifício, em terreno oferecido para esse efeito, onde se há-de instalar *a*) um jardim de infância e *b*) uma creche-lactário para filhos de operários.

Acção: *A*) Promover a propaganda da iniciativa pelas vias habituais — imprensa, rádio, etc. — e designadamente através da publicação de um Boletim próprio, no sentido de interessar na obra não só o povo de Montijo como determinadas entidades particulares e oficiais.

B) Obter e coordenar, os elementos técnicos indispensáveis — plantas, projectos, orçamentos, cadernos de encargos, etc. — e dar satisfação a diversas formalidades burocráticas relacionados com urbanismo e edificação. Oficializar a doação do terreno.

C) Nomear sub-comissões para auxiliar a comissão em certos trabalhos, se se tornar aconselhável.

D) Angariar os fundos e materiais necessários à construção e apetrechamento do edifício:

— recorrendo à organização de espectáculos públicos e sorteios superiormente autorizados, emissão de cupões, etc.;

— Solicitando a contribuição particular de comerciantes, industriais, agricultores, etc.. e a comparticipação oficial do Governo Civil do Distrito de Setúbal, da Câmara Municipal de Montijo, de organismos do Estado, etc..

E) Estabelecer contacto com obras similares já em pleno funcionamento, no sentido de nos informarmos e esclarecermos sobre certos aspectos do labor assistencial e administrativo das mesmas.

F) Iniciar a construção e o apetrechamento das instalações, aproveitando o mais possival descontos e outras facilidades comerciais, mão-de-obra voluntária, etc..

2.ª Fase

Objectivo: Dar vida a uma obra moderna de assistência à Criança durante a idade pré-escolar, de modo a eliminar ou atenuar em Montijo uma situação que actualmente se reveste de certa gravidade.

Acção: *A*) Conseguir subsidios e outras receitas regulares:

— de organizações fabris, comerciais e agrícolas locais directamente interessadas na existência da obra;

— da Câmara Municipal de Montijo;

— de organismos do Estado;

— de particulares, etc..

B) Contratar o pessoal técnico indispensável ao cabal funcionamento da Casa da Criança, aproveitando quanto possível a colaboração desinteressada de pessoas competentes.

C) Obter elementos relativos à constituição, situação económica e sanitária do agregado familiar das crianças, ambiente educativo em que têm sido criadas, etc., para efeitos de admissão.

D) Organizar ficheiros sanitários sob a orientação do médico.

E) Manter atenta vigilância sobre o estado de saúde das crianças, promovendo o seu exame médico periódico.

F) Estabelecer normas e directrizes para o funcionamento dos serviços internos, no que respeita a administração, disciplina e atribuição de responsabilidades, expediente de secretaria, etc..

G) Estabelecer, de acordo com as necessidades do meio, os esquemas e horários da actividade assistencial propriamente dita, atendendo a que se pretende ministrar aos lactantes a alimentação e os cuidados higiénicos prescritos pelas novas concepções científicas e aos mais idosos duas refeições diárias (pequeno almoço e almoço ou almoço e merenda), instrução pré-escolar, jogos e diversões apropriadas à idade, etc..

H) Divulgar e distribuir pela população local, além do Boletim, panfletos e brochuras alusivas à higiene da criança, sua formação física e moral; organizar conferências sobre puericultura e pediatria, assim como sessões de cinema em que sejam versados os mesmos temas; realizar exposições de trabalhos infantis, etc..

I) Promover reuniões entre mães jovens, para elucidação e livre discussão de problemas afectos à infância.

J) Promover visitas domiciliárias periódicas às mães das crianças admitidas, não só para evitar que no lar possa ser prejudicada a acção desenvolvida na Casa da Criança, mas para que a mesma seja secundada pelos pais. Pôr estes ao corrente das deficiências ou progressos revelados pelos filhos.

L) Manter contacto com obras similares, de modo a poder acompanhar as inovações e progressos que se forem verificando no ramo de actividade em que estamos interessados.

Pensemos e meditemos todos sobre esta obra meritória, cuja realização será mais um motivo de orgulho para a nossa terra.

Banda Democrática 2 de Janeiro

Para abrilhantar as festas do concelho de Arruda dos Vinhos, a realizar naquela ridente vila, de 14 a 18 do corrente, desloca-se ali a apreciada Banda Democrática, da nossa terrra, em colaboração com a Banda da Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros) e Rancho Folclórico da Casa do Povo de Almeirim.

Ao desejarmos-lhe brilhante êxito na sua exibição, vaticinamos-lhe igualmente boa satisfação na sua ida à progressiva região arrudense, com votos de feliz viagem.

Montijo é Ribatejo ou Estremadura?

Por bastas vezes se levanta este singular problema, sem que tenha resposta certa e indubitável.

A resposta é, porém, muito fácil e acaba com quaisquer dúvidas.

— Montijo é Estremadura e Ribatejo.

Esta resposta não é, talvez, necessária para os que estudam e conhecem a divisão administrativa; é, no entanto, necessária para os que se cultivam por informações e por hipóteses.

Subsiste, no entanto, a observação: Mas como pode uma terra ser, ao mesmo tempo, isto e aquilo?

É fácil ainda responder: Administrativamente, Montijo é Estremadura.

É assim que está classificada no código e só nos compete respeitar o estatuído. Se a divisão está bem ou mal feita, não nos pertence emendá-la como não nos pertence a culpa do critério seguido, — se é que o critério não foi racional.

Efectivamente, alguma coisa nos obriga a reparos.

A palavra «ribatejo» decompõe-se em duas: «riba» e «Tejo».

A palavra «riba» significa «cima», margem elevada dum rio.

Ribatejo quererá, pois, dizer: «Para cima do Tejo».

Dentro deste significado, estariam: Abrantes, Constância, Barquinha, Santarém, Cartaxo, Azambuja, Alenquer, Vila Franca,, etc.

Naquela divisão vemos também no código: Entroncamento, Tomar, Ferreira do Zêzere, Vila Nova de Ourém, Torres Novas, Alcanena, Sardoal, etc.

Do lado de cá, — cá para a margem interdita —, Benavente, Salvaterra de Magos, Coruche, Ponte de Sôr, etc.

Ora se estas três últimas terras se consideram como Ribatejo, — embora na lei se não fale nesta divisão —, porque não há-de Montijo ser também incluído?

E a Moita? E Alcochete?

Demonstraremos num próximo artigo que as características são idênticas.

Ora se as características são idênticas, não se percebe, à face da lei, porque motivo se excluiram da denominação.

Serviços em Tribunais
Sousa Gago
Solicitador - Encartado
ESCRITÓRIO
R. de Santa Maria, 12-1.º
Telefone 23787
SETÚBAL

Record Sensacional!
1 Milhão em circulação!
Atestando a preferência que todo o mundo dá à
VESPA
O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO
Agentes Exclusivos:
MARPAL, L.DA
MONTIJO

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 4, o menino Jorge Manuel Bastos da Silva, filho do nosso dedicado assinante sr. Norberto José da Silva.

— Dia 4, o sr. António Carlos Lucas Cruz, tio do nosso jovem assinante menino João Carlos Cruz Leitão.

— Dia 4, o menino João Carlos da Cruz Leitão, nosso estimado assinante.

— Dia 5, o menino António Joaquim de Carvalho Cacheldora Rosa, filho do nosso dedicado assinante sr. António Cacheldora Rosa.

— Dia 6, a menina Maria Manuela da Silva Canastreiro, filha do nosso dedicado assinante sr. Manuel Soares Canastreiro.

— Dia 6, o menino Helder Mário Franco E. Martins, filho do nosso assinante sr. Helder Almeida Martins.

— Dia 10, a Sr.ª D. Maria Fernandes Barreiros, esposa do nosso estimado assinante Sr. Carlos Barreiros.

Visita

D. Maria Albertina Baeta

Visitou esta redacção na semana finda, a nossa ilustre colaboradora, sr.ª D. Maria Albertina Baeta, cujos primores de cultura muito nos cativaram.

Sentindo-nos sensibilizados pela sua honrorosa visita, fazemos os melhores votos para que os fulgores do seu talento, continuem a valorizar o nosso semanário, honrando sobremaneira o bom nome de Montijo.

OS NOSSOS POBRES

Com a oferta do nosso muito estimado assinante, em Tetuan, sr. Manuel Beatriz, foram contemplados os seguintes pobres:

José Lopes Ferreira, Manuel Marques da Silva, Joaquim da Silva Sapateiro, António J. Cardeira, João da Paiva, Francisco Teixeira Soares Ventura, Joaquim das Neves, João Andrade Rocha, Manuel José Broa, Francisco António Santos, Carlos Coelho da Silva, Francisco Anjo, Virgílio Correia, Ana Isabel Raposo, Maria José de Paiva, Emília Gervásio, Luís Santos Salvador, Maria António Lourenço, João Augusto, António Rodrigues Maia, — de Montijo.

Em nome dos nossos pobres e em nome de «A Província», agradecemos àquele prezado assinante o seu gesto benemerente.

«A Provincia» — N.º 73 - 2/8/1956

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Montijo e 3.ª secção, nos autos de execução sumária que José Alexandrino de Sousa, casado, comerciante, da Rua Miguel Bombarda, n.º 100, no Barreiro, move contra Henrique Alves, casado, aposentado da C. P., residente na Rua Dr. Manuel de Arriaga, n.º 15, da mesma vila do Barreiro, desta comarca, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os crédores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Montijo, 21 de Julho de 1956.

Verifiquei:

O Juiz de Direito, subst.º

José Luís M. de A. Fernandes

O Chefe da 3.ª secção,

Alfredo Aug. Maria dos Reis

União Atlético Clube Afonsoeirense

Solenisa festivamente o seu 6.º aniversário

Qual frágil semente lançada à terra em 1950, por impulso generoso de um grupo de homens de nobres ideais, entre os quais figuraram José António Pereira, Joaquim Marques Gaudêncio, José dos Santos, António Carlos da Silva e Agostinho de Sousa Gaudêncio, e revigorada pela seiva vivificante de muitos e dedicados esforços, foi dada a esta agremiação a ventura de há dias, ter dado começo às solenizações do seu 6.º aniversário de existência.

Para esse efeito, efectuaram-se no dia 5, domingo último, dois valiosos bailes, que despertaram o maior interesse, não só da população dos bairros do Afonsoeiro, Bela Vista e Alto das Vinhas Grandes, bem como de numerosas pessoas da vila.

Em vistosa quermesse, constituída por valiosas prendas obtidas por generoso auxílio do comércio local e de Montijo, viam-se objectos de apreciável valor, o que serviu para dar início, pouco depois das 14 horas, às festas dessa data.

Pelas 17,30 e com a prestimosa colaboração do *Conjunto Musical «Os Leais»*, do Afonsoeiro, sob a direcção do sr. José Diogo, abriu-se o primeiro baile, como matinée, em que se evidenciou o apreciado vocalista sr. Arlindo Rosário Pereira, nas suas canções e marchinhas, o qual foi muito aplaudido.

Apresentou-se no seu recinto o simpático *Grupo Folclórico do Afonsoeiro*, que figurou na Batalha de Flores, deste ano, que declamou a vibrante Marcha do Afonsoeiro, obtendo prolongada ovação.

Em seguida, o nosso redactor sr. José Miguel Martinho, em representação de «*A Provincia*», felicitou os dirigentes do União Atlético, os elementos de «Os Leais» e a população do Afonsoeiro, pela brilhante solenização levada ali a efeito, estimulando todos os presentes a trabalharem pelo engrandecimento das colectividades locais, — quer seja a do seu aspecto recreativo e cultural, como a de desenvolvsmento físico, agora aniversariante.

Dissertou o mesmo sr. sobre o que é o regionalismo, e demonstrou os evidentes benefícios que se virão a obter, pela união de todos os afonsoeirenses e povos vizinhos.

As suas palavras, que caíram bem no espírito da numerosa assistência, mereceram significativa demonstração de apreço pessoal e pela representação deste jornal.

Terminou a matinée já perto das 20,30; e a soirée, que decorreu animadamente, foi mais uma demonstração de carinho pelo União Atlético Clube Afonsoeirense.

Para o brilhantismo desta nova solenização, muito contribuiram os fundadores acima referidos, unindo os seus esforços aos dos dirigentes da agremiação, neste exercício, srs. Bartolomeu Sobral, José António Pereira e Reinaldo Martins, respectivamente, presidentes da Assembleia Geral, Direcção, e Conselho Fiscal, e seus colaboradores em vários cargos, com o notável concurso de um grupo de senhorinhas constituído por Manuela Castiço Pereira, Leonor de Jesus Teles, Benedita Maria Teles, Noémia e Maria de Lourdes Martins Neves, e Maria Manuela Rocha da Silva.

Mais nos pertenceria dizer, sobre a relevante obra desta útil colectividade, mas visto o espaço nos minguar por hoje... ficará para outra breve oportunidade.

No próximo domingo, dia 12, terão lugar as festas de encerramento das solenizações do seu 6.º aniversário, com a colaboração do apreciado Conjunto Musical «Unidos do Jazz», do Alto Estanqueiro.

Neste momento, limitamo-nos portanto a juntar os nossos votos de longas e radiosas prosperidades para essa prestimosa colectividade.

Agradecimentos

José Rodrigues

Sua esposa e filhos na impossibilidade de o fazerem directamente, a todas as pessaas que testemunharam o seu pesar em tão doloroso transe ou acompanharam o extinto à sua última morada, e receando algum lapso involuntário, por desconhecimento de moradas, vêm por este meio significar-lhes o seu agradecimento muito reconhecido.

✝

Micaéla Tavares de Abrantes

Seus filhos e mais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença e acompanharam o seu funeral. Pela falta de endereços são obrigados ao devido agradecimento muito reconhecido, por esta via.

CONVITE

Celestino Ventura, residente no Corte do Falcão, propondo-se tomar de trespasse o estabelecimento de mercearia e vinhos, de António Gomes Ventura, sito no Bairro Novo do Parque, desta vila, convida quaisquer credores incertos daquele sr., a apresentarem-lhe a nota dos seus créditos, até 25 do corrente mês, não assumindo responsabilidade alguma pela sua liquidação, a partir dessa data.

Montijo, 3 de Agosto de 1956.

a) — *Celestino Ventura*

Vende-se

— ARAME n.º 14, para enfardar palha.

R. Dr. Manuel da Cruz Jor. 32 Montijo.

Emprestam-se

— 100.000$00 sobre hipoteca. Nesta redacção se informa.

Desastres de viação

Soma e segue...

Tem-se referido este semanário, com notório desagrado, nos seus recentes números, aos frequentes desastres de viação ocorridos últimamente, nos arredores da nossa vila.

...E hoje, com evidente mágua, tem de se acentuar a sua repetição, o que põe em sobressalto e perigo quem transita na via pública, tal como se verifica.

No novo desastre, só providencialmente não teremos a lamentar a falta de preciosas vidas, algumas delas de amigos nossos e figuras em destaque neste concelho.

Assim, na última quinta-feira, dia 2, cerca das 15,30, seguia pela Estrada Nacional, junto ao Afonsoeiro, a camioneta de carga, I D-19-45, pertencente ao nosso estimado assinante, sr. Manuel da Silva Júnior, do Alto Estanqueiro, com um carregamento de cascos de vinho.

Tinha como seu condutor, Elisiário Madruga, e por seu ajudante, Firmino Custódio, com andamento normal, a caminho desta vila.

Em sentido inverso, estacionava o automóvel, FF-16-36, pertencente ao nosso estimado assinante, sr. Artur Correia, e conduzido pelo igualmente nosso assinante, sr. Mário Nogueira Lucas.

Afastado ocasionalmente o seu proprietário, inesperadamente, o condutor deste carro, sem prever o perigo que lhe surgia, procurou encaminhar o automóvel para uma passagem entre duas fábricas de cortiça ali existentes.

O condutor da camioneta, vendo o perigo eminente, e para evitar deploráveis consequências, ainda de maior gravidade, afastou violentamente a camioneta para a berma da estrada, danificando parte do muro duma das fábricas, depois de ter colhido o automóvel.

Continuou a sua marcha e foi embater com violência num poste telefónico, derrubando-o.

Ambos os veículos ficaram danificados; e desse desastre receou-se em princípio, risco de vidas.

Felizmente tal não sucedeu.

Em viagem

Álvaro Valente

Em digressão turística e gozo de merecidas férias, seguiu no último domingo para terras da Espanha, o nosso ilustre director e amigo sr. Álvaro Valente, o qual no seu regresso fará a sua habitual cura de águas na estância balnear da Senhora da Piedade, em Alcobaça.

Ao desejar-lhe inteira satisfação nos seus propósitos de repouso espiritual e salutares efeitos de tratamento, todos quantos trabalham neste semanário, vaticinam ao seu querido director a maior satisfação de feliz regresso, na companhia de seus nètinhos.

Concurso Hora Feliz

O relógio, confiado à nossa guarda, abriu-se no dia 2 de Agosto.

Estava parado nas:

2 horas e 30 minutos.

Este Concurso, — iniciativa da Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, em Montijo, continua em pleno êxito.

Desta vez, o cupão premiado pertencia à sr.ª D. Maria Leopoldina Coelho, moradora na, Rua da Cruz, 2, em Montijo.

— Porque se não inscreve imediatamente? O prémio é tentador. (250$00 em compras), e a inscrição uma bagatela!

Inscreva-se pois, no CONCURSO HORA FELIZ!

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 9 — *Montepio*
6.ª-feira, 10 — *Moderna*
Sábado, 11 — *Diogo*
Domingo, 12 — *Giraldes*
2.ª-feira, 13 — *Montepio*
3.ª-feira, 14 — *Moderna*
4.ª-feira, 15 — *Diogo*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 horas.
6.ª-feira — às 9 horas.
Sábado — às 9 horas.
Domingo — às 8, e 11,30 horas.
Domingo, (Afonsoeiro), às 9 h..

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21,30 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos, às 21,30 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração, às 21,30 horas.

No segundo Domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucaristia ou Sagrada Comunhão.

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 11,30 horas. Pregação do Evangelho, às 21 horas.

Quintas Feiras — Pregação do Evangelho, às 21 horas.

Espectáculos

CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 9; (Para 13 anos) o célebre *filme* de abnegação e coragem, «O Gigante dos Mares».

6.ª feira, 10; (Para 13 anos) o drama de impressionantes aventuras e duelos, «A Ultima Barricada».

Sábado, 11; (Para 18 anos) Amedeo Nazzari e Yvone Sanson, no grande drama, «Regresso ao Lar».

Domingo, 12 e 2.ª feira, 13; (Para 13 anos) o famoso *filme* em cinemascópio, com Errol Flyn, «O Príncipe Negro».

3.ª feira, 14; (Para 13 anos) o *filme* de emoção e aventuras, «Os Tiranos Também Morrem».

4.ª feira, 15; (Para 18 anos) o mais recente *filme* do par mais querido do cinema italiano, Yvone Sanson e Amedeo Nazzari, «A Odisseia de Uma Mulher», 4 semanas de enchentes no Condes.

CINE POPULAR

5.ª feira, 9; Um *filme* com Bing Crosby, «Perdido em Paris», com «Ultima Cilada», e Revista Paramount.

6.ª feira, 10; «Marca do Gorila», com «As Duas Mães».

Sábado, 11; O sentimental *filme* «Tens de Viver», com «A Minha Mulher é Formidável», e Imagens de Portugal.

Domingo, 12 e 2.ª feira, 13; Uma formidável reposição portuguesa, com Amália Rodrigues e Alberto Ribeiro, «Capas Negras».

4.ª feira, 15; «Sinfonia do Amor».

Perdeu-se

— LIVRO de versos, capeado com folha de papel almaço liso, caído junto à montra da Casa Marpal, na Rua José Joaquim Marques, que é favor entregar na Relojoaria de Cirilo Rosa Carneiro, perto à farmácia do Monte Pio Nossa Snr.ª da Conceição. — Dão-se alvíssaras.

— PAPAGAIO, gratifica-se quem o encontrou, na Aven. João de Deus, 17 - Montijo.

Valerá a pena uma campanha educacional?

(Continuação da 1.ª página)

a ser bons, dignos, e leais honestos; a manter, enfim, uma personalidade inconfundível de rectidão moral.

Não mentiremos nunca a nossos filhos; seremos sempre leais e bons para com eles, para que nos possam retribuir da mesma forma.

Evidentemente que um indivíduo perfeito, isto é, com os predicados que enumerámos, terá, forçosamente, de ser uma vítima de todos, porque todos, de uma maneira geral, deligenciam atropelar-se, como resultado lógico da constituição da sociedade hodierna, a-fim-de conseguirem um lugar mais alto, uma destacada e bem remunerada situação na vida. Será então possível uma educação concreta que faça de nossos filhos uns verdadeiros homens? De boa compleição moral e física, para que possam estar bem preparados para todas as lutas que tenham de travar?

Talvez. Vejamos, contudo:

Enquanto esta sociedade em que vegetamos não deixar de ser egoísta, traiçoeira e má, extremosa que foi levada pela fôrça das circunstâncias, que a obrigou a manter uma atitude de desconfiança; enquanto perdurar a sua tremenda luta de interesses que obriga a prejudicar o próximo com base numa auto—defesa propiciada pela vigente situação dos nossos que uma errada educação originou, nós preconizamos uma educação baseada nos moldes esquematizados atrás até quando a criança possa raciocinar; a partir dessa ocasião nós lhe iremos mostrando os erros e as torpezas da sociedade para que ela, humanamente, se possa defender e, simultâneamente, esteja apta a indicar aos outros qual o bom caminho, a prepará-los para a construção da sociedade futura, da sociedade ideal. E se todas as crianças forem educadas desta forma, lá virá o dia em que os homens possam dar-se as mãos, fraternalmente, e caminhar para uma vida mais ampla e mais humanamente vivida.

Nós defendemos o ponto de vista de que à mulher se deve ministrar uma moral mais de harmonia com a sua natureza e mais consentânea com a vida, fazendo dela a camarada de todos os homens e uma companheira fiel e digna capaz de emparceirar com o homem no tremendo empreendimento de transformar a estrutura económica e social do mundo.

Ensinaremos a futura mulher a ser livre, mas também a ter consciência de como deverá ser livre e até que ponto. E dizemos; *até que ponto* porque muitas raparigas e mulheres que pretendem ser modernas e livres tomam como liberdade as atitudes mais inconvenientes e antagónicas com uma moral sã de verdadeira Mulher, daquela que ama os seus Filhos, que ama, respeita e honra com a sua lealdade o seu marido.

Por

José dos Santos Marques

E a lealdade para com o marido deve, quanto a nós resumir-se, principalmente, em pôr todas as questões intimas com a maior franqueza, de molde a que possam resolver-se calmamente todas as discordâncias que por ventura surjam, pois só de uma colaboração honesta e digna entre marido e mulher poderá advir a felicidade e o bom exemplo para os filhos.

Aos futuros homens insinaremos a ver na mulher uma camarada a quem se deve respeito e dedicação e nunca uma pessoa que serve ùnicamente para satisfazer os seus instintos sexuais.

Desde modo esboçamos um ponto de vista que tentaremos desenvolver, defender e concretizar. Expo nhamos, porém, o problema: Há que formar, pela educação, uma mentalidade consciente e perfeitamente humana, tanto para o homem como para a mulher, baseada na perfeição do carácter e na integridade cívica do indivíduo, mas sem esquecer os vícios e as torpezas da sociedade em que vivemos, a falta de escrúpulos e as habilidades de que alguns se servem para a realização da sua ascenção na vida; ascenção que poderá ser realizada mesmo à custa do derrubamento e eliminação do seu semelhante; há que formar uma mentalidade consciente e perfeitamente humana, dizíamos, de tal modo que a estrutura dos indivíduos que se pretendem perfeitos não venham a ser destruida pelo choque com as realidades e não venha mesmo a ser aproveitada, no seu jogo de interesses, por esses tais que tudo atropelou e que costumam servir-se da ingenuidade dos outros. É preciso educar, sim, mas preparar também a mentalidade em formação para esse choque decisivo com as realidades do presente; treiná-los para a luta que conduz à vitória dos mais hábeis.

Resumindo, o problema é este: educar e precaver. É uma tarefa dupla e ingrata. Poderemos mesmo, dizer que são duas educações, ou melhor uma educação e uma instrução simultâneas. É como aquela velha história do professor que ensinou ao seu aluno as boas maneiras e depois o que não deveria fazer, por ser feio.

Como poderemos, então, solucionar o vasto problema aqui delineado? Por uma preparação intensiva, de acordo com os mais recentes conhecimentos da pedagogia científica, de todos os professores, principalmente os primários e pré-primários e com a modificação radical—com a completa abjuração de todos os métodos usados nas nossas escolas até agora.

O problema resolve-se: *No campo técnico*: por meio de uma campanha nacional de esclarecimento das vantagens da pedagogia nova, destinada aos pais, que teria por fim fazê-los colaborar com os educadores e facilitar deste modo o seu trabalho, a par de uma reforma total e duma organização completa de todas as nossas escolas dentro dos princípios pedagógicos mais avançados do mundo e bem assim pela intensa criação de escolas pré-primárias ou jardins infantis, escolas montessorianas, froebelianas, decrolyanas, pela adopção dos métodos de projectos de Cousinet, do plano Dalton e de tantos outros sistemas educacionais de larga fama e experiência, muito embora devidamente estudados e adaptados por técnicos competentes ao caso português, à nossa verdadeiramente extraordinária, por atrasada, pedagogia —se é que em Portugal se chega a fazer pedagogia, do que francamente duvidamos.

Criem-se bolsas de estudo tendentes à formação de técnicos tirocinados nas escolas novas do mundo inteiro. Onde quer que existam novos sistemas educacionais há que existir um português a estudá-los pràticamente. Esses técnicos seriam depois os mestres autorizados e esclarecidos de uma grande escola de professores.

Criada uma pléiade de peritos educacionais, sempre ao par das modernas e excelentes realizações educacionais de todo o mundo, seriam depois construídas por todo o país as escolas ideais onde não faltariam piscinas, ginásios e campos de jogos, além de abundante e bom material didáctico, que não seria guardado nas vitrinas das salas de aula como acontece agora na maioria dos casos, quando o há, mas bem e largamente manuseado pelos alunos.

No campo social, muito há a fazer. O fundamental pode ser assim citado: uma melhoria de vida para o povo português, isto é; um considerável aumento do seu nível de vida; ensino gratuito em todos os graus; atribuição de subsidios aos estudantes que não tiverem recursos para se manter ou cujas famílias os não puderem sustentar durante o período dos seus estudos: evidentemente para aqueles que o merecessem, de facto, sem favoritismos, obrigatoriedade de ensino para todos sem excepção de idades ou de sexos e, consequentemente, total extinção do analfabetismo; e colocação assegurada para os indivíduos recém-formados.

Esta última medida não é impossível num estado estruturalmente bem organizado e cuja produção seja intensiva, e só se concebe uma Nação rica e próspera pela total ocupação de todos os seus membros válidos e adultos.

Deste modo estariamos resolvendo, de facto, o problema da educação em Portugal e dando mesmo um nobre e alto exemplo, um exemplo sério e dignificador a todas as nações do Mundo.

Quando elas se confessam...

(Continuação da 1.ª página)

caram para deixar o mundo mais enriquecido.

O amor só poderá interessar na medida em que se dá e pouco ou nada recebe. E que dizer dum amor que adquiriu, com a posse do seu Senhor, uma fortuna de apreciável valor e vive uma existência faustosa de luxo e de ostentação?

Porque não se faz, em moldes inteiramente acessíveis à compreensão do comum dos leitores, as biografias dum Albert Einstein, dum Schweitzer, dum Alexander Fleming, dum Egas Moniz? Porquê, Senhores, se a vida destes homens foi uma epopeia admirável de amor à ciência e à humanidade?

O Mundo não precisa conhecer as razões dos amores perfeitos ou incompreendidos. Isso são contas do rosário pessoal, que poderão ser muito interessantes quando contadas aos amigos ao serão.

De resto, um amor apregoado aos quatro ventos, como em dia de leilão, cheira a negócio, cheira a dinheiro. E isto não nos parece coerente com os princípios daquela máxima que define que em matéria de amor a melhor lembrança é a que fica gravada na alma para saudade do coração.

As confissões duma mulher são sempre curiosas, sobretudo quando essa mulher tem a virtude de ter alma de artista. Mas as confissões que passam da intimidade ao domínio do público parecem ser como aqueles réclames luminosos que sùbitamente deixam de brilhar os efeitos da luz, ainda há pouco fascinantes, deixam de ter qualquer encanto e o interesse passa, morre para sempre.

Assim sucede com os dramas da vida real. Só é duradouro aquilo que o sofrimento conserva em sua posse e faz penhor de reter no seu sarcófago. Um sofrimento compartilhado por muita gente assemelha tragédia e, isso, deixa de ser drama pessoal para passar ao colectivo.

Impressiona mais ver uma mulher chorar do que ver uma duzia. O número mata a sensibilidade, acaba por embotar os sentidos.

Só assim se explica a indiferença do homem perante o tétrico espectáculo da guerra. Se ele a sentisse verdadeiramente, tal como a dor do filho querido que se perde para sempre, ela deixaria de existir. A dor matava a aventura, aniquilava a ambição.

Mas não misturemos o amor, símbolo da vida, com a destruição, símbolo da morte. Voltemos ao ponto de partida, aquele ponto em que o coração feminino decide descobrir a nudez da verdade para a oferecer, em comprimidos, aos milhares de leitores espalhados pelo mundo. São pilulas inofensivas, acreditamos, mas são pilulas difíceis de tomar, sobretudo depois de estarmos convencidos de que as melhores confidências são as que se guardam no coração. E o coração da mulher não é, não devia ser, quanto a nós, o palco por onde passam publicamente os personagens dos seus antigos amores.

Álvaro Pereira

Transcrição

«O Desforço», que se publica em Fafe sob a distinta direcção de D. Isaura Pinto Bastos, deu-nos a honra de transcrever, no seu número de 2 do corrente, o artigo intitulado: «Não há grande nem pequena Imprensa», do nosso Director.

Agradecemos, muito penhorados, a gentileza.

Que não falte na sua mesa o café de

«A JAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102

Telef. 22722

Enviam-se encomendas para a província

Viagem Presidencial

A visita do Chefe do Estado à nossa província ultramarina de Moçambique, teve já o seu início.

Esta visita e outras já realizadas têm como principal objectivo levar às nossas províncias ultramarinas a confirmação da unidade da grande comunidade portuguesa e a afirmação da inteira solidariedade que existe entre todos os membros dessa comunidade dispersa pelo Mundo inteiro.

O Ministério do Ultramar para comemorar tão grande acontecimento nacional mandou emitir uma série de dois selos destinados àquela nossa província.

A execução destes selos, totalmente nacional, foi confiada à Litografia Maia, do Porto, que os apresenta nas dimensões de 25 x 35 m/m e com a seguinte distribuição nas taxas e cores:

650.000 da taxa de 1$00 — amarelo-ouro, verde azeitona, castanho escuro, vermelho, salmão, verde esmeralda, azul ultramar, azul da prussia e amarelo pérola;

350.000 da taxa de 2$50 — amarelo-ouro, verde azeitona, castanho escuro, vermelho, salmão, verde esmeralda, azul ultramar, azul da prussia e azul cinza claro.

O motivo principal destes selos é o escudo nacional, rodeado por oito figuras representativas das nossas oito províncias ultramarinas.

A suavidade do colorido que esta série nos apresenta é encantadora e, aliada ao seu interessante desenho, pode, condignamente, emparceirar com as outras séries com que, nos últimos anos, o Ministério do Ultramar nos tem deliciado.

Na verdade os nossos selos ultramarinos atingiram uma craveira de grande categoria internacional e, a corroborar a nossa afirmação, basta lembrar que recentemente a comparticipação de selos do Ministério do Ultramar à Exposição Internacional de Bruxelas obteve uma medalha de ouro, único trofeu desta natureza concedido a uma representação oficial de país.

Mais uma vez estão de parabéns os dirigentes de Valores Postais do Ministério do Ultramar, nomeadamente, Luís Cândido Taveira, um dos principais obreiros de todas as últimas emissões de selos, nas quais se nota o seu real sentido artístico e gosto filatélico.

Finlândia — 56

De 7 a 15 de Julho esteve patente ao público, em Helsínquia, a maior Exposição Filatélica Internacional, comemorativa do centenário do primeiro selo finlandês.

Como era o único certame internacional deste ano patrocinado pela Federação Internacional de Filatelia, teve, como é natural, larga concorrência de expositores em representação de 30 países.

Portugal também se fez representar com um excelente lote de 9 concorrentes que marcaram inolvidável posição perante a Filatelia mundial, traduzida pelos prémios que conseguiram:

CLASSE DE HONRA — Medalha de ouro para o Coronel Vitorino Godinho.

CLASSE LIVRE — Medalha de ouro para Joaquim Correia Júnior; Medalha de vermeil para o Dr. Correia Nunes; Medalhas de prata para o Dr. Vasconcelos de Carvalho e José Hipólito; Medalhas de bronze para Jorge Pereira, Dr. Artur Beja e Cecílio Fernandez.

CLASSE DE LITERATURA — Diploma de medalha de prata para Oliveira Marques.

Verifica-se que todas as participações portuguesas foram premiadas, destacando-se duas medalhas de ouro.

Também é interessante notar, em especial, que das três medalhas de bronze atribuídas aos portugueses, duas foram para colecções temáticas (Centenários do Selo Postal, de Jorge Pereira; e Desportivos e Religiosos, de Cecílio Fernandez).

Secção dirigida por JORGE PEREIRA

* * *

1.º Concurso Filatélico de «A Província» N.º 7

1.ª — A que país pertence este selo?
2.ª — Em que ano foi emitido?
3.ª — Qual o seu número no Catálogo Yvert (1956)?

Classificações

Indicamos agora as melhores classificações dos cupões recebidos na nossa Redacção até 20 de Julho (Até ao cupão 6, inclusivé).

João Peste, 170 pontos; José Naya e Silva, 150 pontos; José Branco, 150 pontos; Francisco Paiva, 90 pontos.

Rectificação — Por lapso de revisão foi incluído no n.º 7 deste Concurso o selo espécime da nova série para TIMOR, tendo-se omitido a gravura do selo para o Concurso. Desta maneira somos obrigados a anular o n.º 7 e suas consequentes respostas, inserindo-se hoje o selo correspondente àquele n.º 7.

Deste facto, alheio à nossa vontade, pedimos desculpa aos nossos leitores e concorrentes ao nosso Concurso.

Toda a correspondência deverá ser remetida à Redacção do nosso Jornal, Secção Filatélica. Avenida D. Nuno Alvares Pereira, 18 — MONTIJO.

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
Gerência de
Francisco Campos
Apresenta um grande e variado sortido de Mobílias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.
Rua do Hospital, 16 — Montijo

1.º Concurso Filatélico de «A Província»
CUPÃO N.º 7

1.ª .....
2.ª .....
3.ª .....

NOME .....
MORADA .....

— Ora esta!

(Continuação da 1.ª página)

o outro, sem mais, nem menos? — Ora esta!

— Então eu achava isto, isso e aquilo caríssimo e ainda me estão a dizer que isto, isso e aquilo vão para mais caro? — Ora esta!

— Então o senhor disse que me pagava hoje e, afinal, agora diz-me que não pode pagar senão daqui a dois meses? — Ora esta!

— Então aquela garota de doze anos já tem um filho? — Ora esta!

Então aquele rapaz de quinze anos diz que já é pai? Ora esta!

— Então aquela madama vai num luxo espantoso e dizem-me que «ferra calotes» em toda a parte? — Ora esta!

— Então este senhor prega tanta moral e tem automóveis, amantes, palacetes aqui e ali, jóias, tudo quanto há, e não quer saber da mulher e dos filhos que passam fome? — Ora esta!

— Então aquela serigaita abandonou o marido, que era um chefe de família exemplar, e vive com o motorista do carro que é um libertino e um valdevinos sem igual? — Ora esta!

— Então a D. Aldegundes Vasconcelos dá recepções e chás da Versalhes e já deve quatro meses de renda da casa e não paga à criada há seis? — Ora esta!

— Então o Jacinto carvoeiro, que era um radical tremebundo, vai de opa e tocha e traz um rosário de contas que chega ao chão? — Ora esta!

— Então o Joaquim da Mónica deu a sua palavra de honra e faltou como um cão? — Ora esta!

— Então a Maria Perestrelo namora três ao mesmo tempo e fuma como um granadeiro antigo e pinta-se e usa saias pelo joelho e blusas pelo umbigo e assobia e emprega o calão como um catraeiro? — Ora esta!

— Então o... a...

Alto! Silêncio!

Lá estão as cascalhadas: «cácárácá, cácárácá...»

— Ora esta! E eu que pensava que a minha bata...

— Ora esta! — digo eu também.

Álvaro Valente

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Teatro Português

Algumas sugestões para o seu renascimento

Resume da tese apresentada ao IV Congresso da União Nacional

Por Francisco Ventura

Por ser da maior oportunidade e importância, transcrevemos da «Rádio Nacional», a seguinte publicação, — com a vénia sacramental:

Em 6 de Maio de 1843, Almeida Garrett entregou ao Conservatório Real de Lisboa a sua peça «Frei Luís de Sousa» e, na memória que a acompanhou, declarava fazê-lo como testemunho de confiança na instituição, que tão útil tinha sido e havia de ser à nossa literatura renascente, pois tinha estimulado com prémios, animado com exemplos, dirigido com sábios conselhos a cultura dum género que era, não se cansava de o repetir, a mais verdadeira expressão literária e artística da civilização do século e, reciprocamente, exercia sobre ela a mais poderosa influência.

Hoje, não se estando em presença de um simples departamento oficial, mas sim num Congresso que é a própria Nação, apresenta-se o problema com fé de que tenha soado a hora da sua resolução, visto tratar-se de um dos grandes alicerces da cultura nacional.

Não se aborda o Teatro em todos os seus variados aspectos, nem a tão falada crise que apresenta entre nós, por isso pertence aos especializados na matéria. Trata-se apenas de Teatro Português, isto é, de teatro escrito por portugueses em língua portuguesa.

É moda dizer-se que ele não existe e, por toda a parte, se ouve o estribilho, hoje mais do que nunca em voga: «Não temos Teatro Português! Não temos peças portuguesas! Não temos escritores de teatro! Os Portugueses não nasceram para obras teatrais! O Teatro só pode existir, traduzindo o que se escreve lá fora!»

Este estribilho não tem qualquer fundamento. Todos sabemos que não é de desprezar o nosso património teatral, pois, desde Gil Vicente, a literatura dramática tem aparecido em todas as épocas. Nos tempos actuais, são conhecidos os nomes de escritores que já deram as suas provas e não deve ser reduzido o número dos que desejam aparecer.

A afirmativa de que não nascemos para a arte dramática não tem qualquer base, nem científica, nem humana. Nada prova que os Portugueses, só pelo facto de terem nascido em Portugal, estejam incapacitados de se dedicar a tal actividade.

O que existe é um meio hostil ao que é nosso e uma excessiva idolatria por tudo quanto é estrangeiro. Nunca fomos muito favoráveis ao que é da nossa terra e já os quinhentistas apontavam o facto.

Quase temos vergonha de ser nós próprios. E de tal forma este sentimento se arreigou que o habitante da aldeia, venera a vila; o da vila, a cidade; o da cidade, a capital; e todos, quanto existe para além fronteiras. Tudo é ância de imitar o que não é nosso, desde o vestuário aos manjares, desde os ideais à própria língua em que eles se exprimem.

É nesse sentimento que se encontra a raíz da pobreza do Teatro Português. Grande parte do público, da mesma forma que só compra livros traduzidos, só gosta de assistir, por vaidade, à representação de peças estrangeiras; os artistas, sabedores dessa preferência e dominados pelo mesmo sentimento colectivo, põem todo o seu empenho em representar apenas traduções; os empresários, membros do mesmo aglomerado, não pensam de maneira diferente, sendo o seu caso agravado pela mira de melhores proventos, mercê duma propaganda fácil. Com frequência dizem os jornais que fulano e cicrano foram a Madrid, Paris, etc., escolher peças para os seus reportórios futuros. Resta saber se tal escolha seria possível se, nesses países, imperasse o mesmo pensamento.

Parece até que este sentimento se insinua na própria autorização para a representação de peças, pois temos visto algumas estrangeiras que nunca seriam representadas se fossem escritas por um autor português.

A falta de casas de espectáculos ajuda a agravar o mal, pois, sendo poucas as Companhias, menores são as possibilidades dadas aos escritores. E estes, perdidas todas as esperanças e forçados pelas duras leis da vida, tiveram que dedicar a outros ramos a sua actividade, queimando quantas energias possuem em trabalhos que muitos podem fazer e deixando morrer, dentro de si, as obras que só eles poderiam criar.

Assim, Portugal dá ao Mundo o triste espectáculo de ser uma Nação sem escritores e que, para ter Teatro, tem de traduzir quanto se produz lá fora, seja qual for a qualidade, origem ou intenções.

Há que tomar medidas que promovam o reaparecimento do Teatro Português. A História é a grande mestra do futuro e sempre se viu que, com o devido apoio, a literatura dramática nunca deixou de florescer. Garrett, na memória citada, declarou sem reserva: «Directa ou indirectamente, o Conservatório tem feito nascer, em Portugal, mais dramas em menos de cinco anos do que, até agora, se escreviam num século». E, noutra ocasião, exclamou: «Vamos ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar da nossa natureza... literatura é filha da terra, como os titãs da fábula, e à sua terra se deve deitar para ganhar novas forças quando exausta».

O problema é vasto, como se pode ver em pormenor no texto integral da comunicação, e precisa de ser estudado com carinho por quem tiver competência para tanto. Para já, alguma coisa se poderia fazer e que consistiria no seguinte:

1.º — Revisão da legislação relativa a casas de espectáculos, de modo a permitir-se a construção de pequenas salas em prédios de rendimento;

2.º — Revisão das normas que regem a aprovação de peças, para que, sem prejuízo para a Nação, se dê maior desafogo ao pensamento nacional;

3.º — Revisão das condições em que funciona o Fundo de Teatro, a fim de se possibilitar a representação dum maior número de peças novas de autores portugueses;

4.º — Criação de um prémio nacional para peças inéditas, concedido com absoluta isenção e autoridade, para que não fosse olhado com desconfiança ou ironia pelo público, antes merecesse o seu aplauso;

5.º — Criação, junto do Fundo de Teatro, dum departamento que procedesse à recolha e selecção de peças portuguesas, as quais seriam postas à disposição das empresas que declarassem não ter originais para representar.

DESPORTOS

Clube Desportivo de Montijo

Como estava anunciado, realizou-se no passado dia 3, no seu Salão de Festas, a Assembleia Geral para apresentação das contas da Gerência de 1955 e, ao mesmo tempo, eleição dos novos membros para a Mesa da Assembleia Geral, em virtude do pedido de demissão colectiva dos que até então ocupavam os referidos cargos. Constava ainda da Convocação, feita pelo Presidente da Direcção, Sr. Francisco Tobias, um aviso de que seriam tratados assuntos de extraordinária importância para a vida da Colectividade.

Aberta a sessão pelo Sr. Presidente da Direcção e na falta dos componentes legais da Mesa da Assembleia Geral assumiu a presidência dos trabalhos o Sr. Francisco Faria que indigitou os nomes dos Srs. Manuel Lino e Levy Ramos Dias que se recusou, pelo que foi solicitado o Sr. Roman Sanchez Alvarez, para secretariarem a Mesa, no que foram sancionados pela Assembleia.

Iniciados os trabalhos, pela ordem que constavam do aviso convocatório, foi convidado um delegado da Direcção transacta a proceder à leitura do Relatório e Contas da Gerência, incumbência de que se desempenhou o secretário permanente, Sr. João Caria Nunes dos Santos, por indicação do Sr. Guilherme Bordeira, ex-presidente da Direcção.

O referido Relatório que se apresenta bem elaborado e com consideração dignas de serem apreciadas por aqueles que se interessam pelo desporto da nossa terra, apresenta a curiosidade de nos mostrar um saldo positivo ou lucro na conta Futebol, resultante da dispensa dos futebolistas Benje e Quim Zé. Também nos mereceu a melhor atenção a maneira cuidada como foi redigido o Parecer do Conselho Fiscal com judiciosas opiniões que deviam ser acatadas por aqueles que se entregam a bem servir o C. D. M.

Ambos os documentos foram aprovados por unanimidade.

Entrando-se na 2.ª parte, tentou o sr. Presidente da Mesa, a fim de facilitar os trabalhos que a Assembleia indicasse dois nomes, para os lugares de Presidente e Vice-Presidente. Verificada a incompatibilidade em se resolver o assunto desse modo, foi a sessão interrompida por 5 minutos para a confecção de listas.

Feita a votação apurou-se que tinham sido eleitos para Presidente da Mesa da Assembleia Geral, o sr. Manuel Lino e para Vice-Presidente, o sr. Roman Sanchez Alvarez.

Em seguida e cumprindo a última parte, usaram da palavra vários sócios que puseram em destaque vários assuntos da vida do clube, principalmente o problema financeiro e o das transferências de atletas. Falou também o sr. Francisco Tobias que em nome da Direcção em exercício fez uma exposição da actual situação económica do clube, relatando o que já se fez para um melhor equilíbrio e daquilo que se pensa fazer para dar ao C. D. M. uma vida desafogada, tanto quanto possível.

Cabe-nos aqui fazer sentir que a boa vontade dos dirigentes é muito pouco, se não forem correspondidas nas suas iniciativas pelos os sócios. Um dos problemas tratados nesta última parte dos trabalhos, foi a supressão da cota extraordinária de Esc, 3$50 por jogo, para os sócios ordinários, ficando pendente essa determinação, da entrada de novos sócios, de maneira a poder equilibrar a receita proveniente daquela cota.

Mais uma vez se revelou na maioria dos associados o espírito de tirar o maior interesse pelo menor dispêndio material. Enquanto este sintoma não desaparecer, difícil se torna para o C. D. M. poder progredir, pelo que necessário é todos os simpatizantes ou sócios do clube, dispensarem a este o melhor apoio.

Usaram ainda da palavra vários oradores, sendo por fim encerrada a sessão, cerca das 2 horas do dia 4.

O feriado do próximo dia 15

Em cumprimento do estabelecido no Decreto-Lei n.º 38.596, de 4 de Janeiro de 1952, será observada a cessação de todas as actividades não permitidas por lei aos domingos, no próximo dia 15 de Agosto, (Assunção).

A todo o pessoal da indústria será devido nesse dia pagamento de salários, os quais poderão ser compensados pela prestação de trabalho até mais duas horas distribuidas pelos 8 dias imediatamente antecedentes ou subsequentes.

Os estabelecimentos abaixo designados terão o seguinte regime:

Barbearias e Cabeleireiros: — No dia 14, (véspera do feriado), cumprirão o horário de sábado.

Farmácias: — Só se manterão abertas no dia feriado aquelas que por escala lhes competir.

Fotografias: — Poderão conservar-se abertas no dia 15, (feriado), mas sem utilizarem o pessoal.

Padarias: — Tanto para o fabrico como para a venda, utilizarão o regime de sábado no dia 14.

Mercearias, Fazendas, Drogarias, e Carvoarias: — Na véspera do feriado, poderão conservar-se abertas até às 20 horas, nos concelhos de Setúbal e Almada, seguindo o horário de sábado nos restantes concelhos.

Talhos, Salsicharias e Miudezas: — Encerrarão às 13 horas no dia 15 (feriado) salvo aqueles estabelecimentos em que o encerramento semanal coincida com o dia feriado, caso em que permanecerão encerrados todo o dia.

Columbofilia

Sociedade Columbófila de Montijo

A honrosa colectividade montijense cujo título nos serve de epígrafe, mais uma vez afirmou a sua vitalidade, nas brilhantes provas levadas a efeito este ano.

Sendo uma modalidade desportiva em progresso no nosso meio, e cujos resultados convém divulgar, através dos 16 concursos, deste ano, alguns deles de longa distância, levados a efeito, em que se obtiveram os seguintes resultados:

Victor Manuel Martins Viegas, vencedor nas provas de Beja, Castelo Branco I, Mangualde e Vilar Formoso, tendo ganho as taças «Banda Democrática», «António Luís Alves», «Severino de Sousa» e «Comissão das Festas de S. Pedro»; Eduardo Sabino Terras, venceu as provas de Faro, Tua e Bragança ganhando as taças «Tavares», «Somorel», e «Comércio e Indústria de Montijo», Francisco Jesus da Silva, foi campeão na Régua, Viana do Castelo e Alicante (Espanha) obtendo as taças «Jaime Sennfelt», «Júlio Miranda» e Prémios da firma Mundet; Francisco J. Viegas e Castro ganhou a taça «Jailar» na prova de Estremoz; João Teodoro da Silva, a taça «Francisco Jesus da Silva», na prova de Vila Real de Santo António; José Correira Leite, a taça «Vontade», na prova de Gaia; Benjamim Neves Silva, a taça «Abel Ventura», na prova de Portimão; António Correia, a taça «Cabeleireiro Tobias», na prova de Castelo Branco II; e Justiniano de Oliveira, a taça «José da Silva Leite», na prova de Burgos (Espanha).

O vencedor do campeonato de Velocidade, foi o sr. Jorge Sótano Lopes, não se tendo realizado os Campeonatos de meio fundo e fundo, por motivo do mau tempo.

Organizações

Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal o programa «REVISTA DESPORTIVA», uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

INTERESSA À LAVOURA...

AASERVO

Produto ideal para a conservação de batata de consumo, em armazém

Fabricado pela *N. V. Aagrunol—Fabriek Chemische*—Holanda

■ O *AASERVO*, conserva a batata em perfeito estado durante muitos meses, sem grelar nem murchar, permitindo aguardar a sua venda, em momento oportuno.

■ O *AASERVO*, tem a cor da batata, não modificando a sua aparência; não provoca mau gosto, nem altera as suas qualidades nutritivas.

■ O *AASERVO*, vende-se em embalagens de 1 e de 25 quilos.

Importador exclusivo: ERNESTO F. D'OLIVEIRA

LISBOA
Rua dos Sapateiros, 116 1.º
Telefones, 22478 e 22484

PORTO
Rua Mouzinho da Silveira, 195
Telefone, 22051

REVENDEDORES LOCAIS

Manuel Dom. Taneco
Rua João Pedro Iça, 91
MONTIJO

Luís de Sousa
Av. João de Deus, 28 e 28-A
MONTIJO

Amizade na estrada, boa rivalidade desportiva, comunhão de ideais e saudações fraternas

Nesta azáfama constante de dirigente duma modalidade que é raro ter durante o ano algum dia de descanso, visto que os seus praticantes nuncam receiam as intempéries das estações mais duras, surge-me o pedido de algumas palavras para o Boletim do Vespa Clube de Portugal.

AMIZADE NA ESTRADA, BOA RIVALIDADE DESPORTIVA, COMUNHÃO DE IDEAIS E SAUDAÇÕES FRATERNAS podem sintetizar os sentimentos duma sã camaradagem que existe, de facto, entre todos os homens das duas rodas motorizadas, de Norte a Sul de Portugal, e entre todos os que percorrem o mundo de lés a lés sobre moderno e potente cavalo cujo coração se sente palpitar através da cronométrica carburação dum motor mais ou menos potente.

Já não se arregalam os olhos de pasmo ou admiração do taciturno peão «bota de elástico», quando junto dele passam as vossas modernas máquinas, nem já o volante do carro citadino profere impropérios para ultrapassar mais fácilmente estas pequenas motos que diàriamente, rodopiam por toda a parte.

Pequenas motos, sim. Motos, com propriedade do termo; pequenas, não, pois que isso seria desdizer da sua força e do que transportam por vezes, ajoujadas por ladeiras íngremes.

Se os homens não se medem aos palmos, isto sucede precisamente com as motocicletas: quanto a nós, a scooter outro transporte não é, nem maior, nem melhor, do que uma moto vulgar.

Se pelo facto de um bólido de corridas — um Mercedes monoplace de extravagante concepção linear — não deixar de ser tão automóvel como o potente e luxuoso carro americano ou como o não menos elegante e aconchegado carro utilitário europeu de poucos cavalos, também, não só por analogia, como pela evidência dos resultados, a scooter terá de considerar-se doravante, como um autêntico motociclo em que — passe o termo — a carrosserie é concebida para além dos antigos moldes clássicos das motos e com fórmulas duma propulsão mais consentânea com o progresso dos tempos e as novidades do século.

E dentro desta ordem de ideias e de que me estou dirigindo aos utentes das scooters, que aceitei, com satisfação, endereçar-lhes duas palavras que quase iam atingindo o milhar.

A minha simpatia pelos scooteristas (persistamos erradamente nesta nomenclatura) é espontânea e compreesível, não só pelo dever do cargo como porque, além do mais, filhos tenho que também o são.

Mas essa simpatia, quanto aos Vespistas, é reforçada por conhecer o seu espirito de iniciativa, o seu conjunto associativo tão louvável: por reconhecer o seu comprovado desportivismo e, enfim, porque sendo Vespistas, os encontramos sempre ao nosso lado, nas ruas, nas estradas, nas pistas: e sempre ao nosso lado também, neste labutar pelo desenvolvimento do motociclismo nacional e pelo seu prestígio aquém e além fronteiras.

Mendo Saraiva Lobo
Presidente de F. P. M.

MOTO Jornal

Suplemento quinzenal de «A Província» dedicado a Motos, «Scooters» e Velomotores

Dirigido pelo nosso redactor José dos Santos Marques, teremos o prazer de no mês de Agosto, publicar o nosso suplemento quinzenal, «MOTO Jornal», — inteiramente dedicado a motos, «scooters» e velomotores, que ficará sendo o único que neste momento se publica no país.

Todos os nossos leitores conhecem já sobejamente, através dos seus artigos, José dos Santos Marques e não será difícil que ele alcance para o suplemento quinzenal de «A Provincia», o êxito que a Redacção de «A Provincia» e os devotados motociclistas esperam.

Para já poderemos garantir que «MOTO Jornal», publicará no seu primeiro número algumas entrevistas de grande interêsse, artigos sensacionais e variado noticiário desportivo.

A' expectativa geral, «A Provincia» espera ser credora da simpatia total dos motociclistas portugueses que saberão encontrar no seu suplemento o jornal que lhes faltava.

do Minho ao Guadiana

Bombaral

Piscina

Vai transformar-se em agradável realidade uma velha aspiração da mocidade desta vila: a construção de uma piscina. A Câmara Municipal acaba de ceder ao Sport Clube Escolar Bombarralense uma parcela de terreno, junto ao Palácio Gorjão, recentemente adquirido pelo município.

A referida piscina, que medirá 25x10 metros, será instalada num aprazível local, estando o clube organizador a solicitar da população bombarralense e de diversas entidades e firmas comerciais do país, auxílio em dinheiro, materiais de construção e trabalho.

Adega Cooperativa

No Cartório Notarial foi assinado o termo da constituição dos estatutos da Adega Cooperativa desta vila, cuja aprovação tem sido demorada por dificuldades surgidas pela delimitação da área da Cooperativa.

Obras

As obras de urbanização do Largo do Município entraram em nova e decisiva fase, depois da recente compra, pela Câmara Municipal, do Palácio Gorjão, o que possibilitou o arranjo urbanístico da área adjacente ao vetusto edifício. Continuam aceleradamente as obras resultantes da venda, em parcelas, das antigas instalações da firma Capristanos, facto que relatámos em correspondência anterior. Estão quase concluídos os trabalhos da instalação subterrânea da rede telefónica desta vila. (C.)

BAIXA DA BANHEIRA

(ALHOS VEDROS)

— Grupo Columbófilo Banheirense — *Damos a seguir mais algumas provas da presente campanha.*

20 de Maio, 10.ª Prova, (2.ª) 180 Km., Castelo Branco — B.ª da B.ª: — Manuel S. Águas, 1.º e 33; Silvestre P. Victorino, 2.º, 14.º, 22.º e 23.º; Manuel Pereira, 4.º; João G. Marta, 5.º, 18.º e 28.º; Domingos Carvalho, 6.º; António Dionízio, 7.º; Atanazio Filipe, 8.º; Artur Dias, 9.º; João L. Santinho, 10.º, 11.º, 16.º, 19.º e 27.º; António Amado, 20.º e 26.º; José Lúcio, 15.º; Valentim Marques, 21.º; Joaquim de Brito, 24.º e 25.º; Rafael Pratas, 17.º; João Pedro, 29.º; João Amado, 30.º.

27 de Maio, 11.ª Prova, 650 Km., Burgos — B.ª da B.ª: — Silvestre Victorino, 1.º; Jorge G. Oliveira, 2.º; João G. Marta, 3.º; Mário Mendes, 4.º; João Amado, 5.º; José A. Lúcio, 6.º. Este concurso foi efectuado com grandes dificuldades, por causa do mau tempo.

3 de Junho, 12.ª Prova, 240 Km., Mangualde — B.ª da B.ª: — João L. Santinho, 1.º, 7.º, 8.º, 12.º, 17.º, 18.º e 24.º; António Dionízio, 2.º, 9.º, 16.º, 25.º e 27.º; João G. Marta, 3.º; Diogo Ferrer, 4.º e 11.º; José J. dos Santos, 5.º e 19.º; Manuel Águas, 6.º e 28.º; José A. Lúcio, 10.º; João Amado, 13.º e 22.º; Manuel Pereira, 14.º, 15.º e 21.º; Manuel dos Santos, 20.º; Rafael Pratas, 23.º; Jorge G. Oliveira, 26.º; Artur Dias, 29.º e 30.º.

10 de Junho, 13.ª Prova, 290 Km., Vilar Formoso — B.ª da B.ª: — João G. Marta, 1.º e 24.º; João Amado, 2.º e 30.º; João L. Santinho, 3.º, 5.º, 6.º, 10.º e 21.º; Evaristo Martins Pombo, 7.º e 28.º; José A. Lúcio, 4.º e 18.º; António Dionízio, 8.º, 15.º e 27.º; Diogo Ferrer, 9.º, 13.º e 22.º; Jorge G. Oliveira, 11.º; Manuel Águas, 12.º; Silvestre Victorino, 16.º, 17.º e 25.º; Manuel dos Santos, 19.º; Manuel Pereira, 20.º e Artur Dias, 23.º.

— Ginásio Atlético Clube — *Passou mais um aniversário da sua fundação em 1 de Junho p. p., esta colectividade, a quem «A Província», aproveita a oportunidade, para apresentar as suas felicitações, e desejos de muitas prosperidades. Também em 9 e 10 esta mesma colectividade inaugurou a sua esplanada, com dois grandiosos bailes, que foram abrilhantados pelos Conjuntos Musicais, «José da Silva» e «Melody Band».*

— Aniversários — *Passou o seu aniversário natalício, em 27 de Junho último a Sr.ª D. Izaura Rosa Correia Ferreira, dedicada esposa do nosso bom amigo e estimado assinante sr. Virgílio Ferreira Pereira, industrial de Barbearia nesta localidade. Também no dia 27 passou o seu aniversário natalício a menina Izabel Maria Godinho Aleixo, sobrinha querida do nosso também estimado assinante sr. José Vaz. Os nossos sinceros parabéns.*

— Iluminação Pública — *Embora nós tenhamos feito eco das deficiências que existem na iluminação pública desta localidade, parece que continuamos a bradar no deserto. Há ruas que se encontram sem uma lâmpada acesa, e principalmente a E. Nacional, bem à vista. Voltamos de novo a pedir as necessárias providências a quem de direito, se houver alguma entidade que se compadeça de nós.*

— Uma casa para Beneficência — *Graças aos incansáveis esforços e iniciativa do pároco desta freguesia, Padre José Feliciano Rodrigues Pereira, foi iniciada há poucos dias, nesta localidade, a construção de uma casa que vai destinar-se a prestar benefícios, fornecendo refeições a algumas crianças e pobrezinhos mais necessitados, conforme o fundo de receitas e as ofertas o forem permitindo. — (C.)*

Publicações Recebidas

— **Rodoviária**, transportes e turismo. Director: *Oliveira Santos.*

O número de Julho, desta novel mas já prestigiosa revista, vem, como os anteriores, com bela apresentação, distinta colaboração e muito ilustrado.

E' indubitável que «Rodoviária» se notabilizou no nosso meio, preenchendo uma lacuna que há muito se apontava e correspondendo em absoluto à expectativa.

O número actual, por exemplo, começando «Na hora dos sorteios» e terminando na «Imprensa», está todo ele recheado de assuntos interessantes e de óptimas gravuras.

Não se pode mais exigir neste campo. Os transportes e o turismo têm na «Rodoviária» um magnífico Boletim de propaganda e de cultura.

Agradecemos o exemplar enviado e desejamos a maior expansão à recomendável e progressiva revista portuguesa.

Boletim do Porto de Lisboa — N.º 65 — Lisboa.

Director: *Raúl Humberto de Lima Simões.*

Referente ao mês de Junho, o n.º 65 deste Boletim, no que respeita aos serviços da especialidade, vem completo e impõe-se pelos assuntos apresentados.

O Tráfego, a Armazenagem, a Taxa de porto, Guindastes, Estações Marítimas, Acostagem de navios, Estacionamento de navios, Aluguer de terrenos, e Aluguer de Armazéns, — assuntos largamente tratados no citado número, impõem-no à consideração dos interessados e dos que admiram as nossas publicações.

Continuamos, assim, a dispensar a este Boletim toda a nossa atenção e simpatia, certos como estamos do seu valor e da sua extrema utilidade.

Os agradecimentos de «A Província» pelo exemplar recebido.

José Teodósio da Silva
(Herdeiro)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

SANFER, L.ᴰ
SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista
AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

N.º 17 — Folhetim de «A Província» — 9-8-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

— O sr. Engenheiro é boa pessoa e bem vê a «lagaraje» que a gente aqui tem tido...

— Pois sim. Fia-te na Virgem e não corras...

— E verás o trambulhão que levas... concluiu o servente que levava o coxo da cal.

— Também «a comadre bebe»? Ora o Catrino, disfarçado em lapardo!... replicou o mestre dos trolhas.

E gargalharam todos...

Alguns faziam-se encontrados com o sr. Morais para «apalparem o terreno»:

— Então, sr. encarregado, sempre há bródio ou não?

— Qual bródio? — perguntava o outro, fingindo que não percebia.

— Como temos aí o «pau de fileira» à porta...

— Ah, sim!

E logo com a verrina toda:

— Isso não é comigo. Eu aqui não mando nada... Isso é lá com o sr. Engenheiro, que inda manda mais que os patrões...

E ficava tudo na mesma.

Ao almoço, sob os carvalhos das proximidades, ou à sombra das paredes, a conversa continuava;

— Daqui por quatro ou cinco dias estamos nos caibros e não se petisca nada...

— «Está o mar um cão»... acrescentou um que era de Aveiro.

— Eu inda não desesperei, — disse doutro grupo um carpinteiro veterano. O engenheiro é pessoa amiga cá da rapaziada e com certeza certa não deixará de seguir a costumeira de todas as obras.

— Não digo que não, — retrucou o outro; mas é de «chenicas» e talvez não queira.

— É um bom serás, é que é, e não há-de querer desagradar aos operários. Entretanto, há coisas em que ele não «mete prego nem estopa». À noite fazemos um bailarico lá em cima, no terreiro em frente «da do Roberto», e ninguém tem nada com isso... Depois, bebem-se umas pingas, apanham-se umas «borracheiras», canta-se, dança-se, e é um alegrão para a raparigada!

— Isso! Mete-te em fedúcias e depois queixa-te. E lá se vai a féria «pró maneta»...

— Então vocês queriam flistrias sem gastos? Essa é que não podia ser, *mês* amigos. É preciso puxar pelos cordões à bolsa.

— Assim não me serve, — retorquiu o outro. Em todas as obras onde tenho trabalhado, sempre se viu os patrões fazerem o «pau de fileira» à custa deles.

— Esperemos... esperemos. Por enquanto, não há razão de queixa. Nem por muito madrugar se amanhece mais cedo...

E a expectativa na aldeia, quanto ao «grande acontecimento», era igual à dos primeiros dias.

Ninguém ainda sabia ao certo a que se destinava a fábrica, embora se aventassem muitas hipóteses, — os próprios construtores diziam que só quando chegassem os maquinismos o poderiam saber; mas o filósofo Santana atirava cada vez mais larachas aos basbaques e namoros; as baiucas faziam negócio como nunca e prosperavam a galope; as «bailas» eram obrigatórias aos Domingos e já havia algumas ligações e consequentes compromissos.

A fisionomia da terra é que mudara por completo.

Da sornice doutrora passara à vivacidade permanente.

Toda aquela gente simples, que vivia sem ambições, resignada e plácida, andava agora numa constante efervescência, com estranhos aspectos e desvarios.

(CONTINUA)

ARTES E LETRAS

N.º 3

Página coordenada por Luís Bonifácio

CARTA DE UM ASSINANTE

A propósito das nossas páginas de «Artes e Letras», recebemos a seguinte carta do nosso estimado assinante, sr. Eduardo Olímpio Espada, de Melides:

«Foi com surpresa e alegria que recebi a carta que V. me enviou, pois ao escrever aquelas linhas que vos mandei, não tive a pretensão de que V. me respondesse. Limitei-me a dar uma opinião pessoal sobre a orientação da página, até porque sei que em regra não são mal recebidos os alvitres do leitor.

Sabe, senhor Luís Bonifácio, nós, os que vivemos nestes pequenos meios onde o convívio cultural é quase nulo, damos um valor extraordinário a tudo que nos possa dar cultura.

Agradeço imenso as facilidades que V. me concede e tentarei corresponder.

E' possível que seja um tudo nada irreverente; mas quem o não é aos vinte e um anos?

Junto a esta minha carta, alguns escritos meus que submeto ao critério de V., e termino reconhecido pela simpatia com que me recebeu».

Eduardo Olímpio Espada

A Literatura, o jovem e eles...

Quem dedique um pouco de atenção a ler o que em revistas e páginas literárias se publica, fica com a impressão errónea de que o panorama actual da literatura portuguesa é apenas composto por cinco ou seis nomes válidos. Folheamos uma revista e deparam-se-nos os seus ensaios; abrimos uma colectânea e lá estão os seus poemas. Ora será facto que a nossa Poesia, o nosso Ensaio, a nossa Ficção apenas se circunscrevam a esses nomes? Não! Sucede apenas isto: São esses, os poetas por diploma, ensaistas por encomenda e ficcionistas por corrente, (o que não quer dizer que os não haja por lá com inspiração, por cultura e de facto) são esses, dizia eu, os donos das tais revistas, das tais páginas. E, pois, quem mais será digno de nelas figurar se não os seus laureados (por quem?) nomes?

Conheço um moço prosador que sem ter o arcaboiço dum Ferreira de Castro tem um conteúdo humano e uma personalidade criadora dignos de atenção; Pois o moço dirigiu-se não há muito a um desses ditadores das letras impressas juntando à carta que enviou alguns escritos. Pois sabem o que respondeu o tal magnate? Com um silêncio superior! Com o desconhecimento total de tão insignificante espécime. E vai daí o repelido atrofia-se, descrê e estagna. E eles continuam, superiores, inacessíveis, únicos.

Moços: unamo-nos e façamos da nossa união o nosso baluarte. Do nosso convívio o nosso incentivo. E continuemos. Através da indiferença daqueles que o são porque nós os fizemos. Não os que os lemos. Nós os que chegámos sem correntes filosóficas e estéticas e irtas a uma literatura supostamente completa.

Eduardo Olímpio Espada

Evereste

Sem palavras. Sem gestos inimigos
E posições contraídas. Tu só dentro de ti.
Ruínas seculares que te digam: Vai-te!
Correntes de água amarga de rios despeitados,
Ventos do Oeste que te rujam: Pára!
Continua. Tu só dentro de ti. E continua.

E quando a boca da noite sem luar
Te contar segredos tétricos e risos impossíveis
E a sonda do desânimo te perfurar o peito,
Lembra-te que é lá, no Para Além das Noites
No Para Além dos Rios, dos Ventos e dos Segredos
Que ficaste à tua espera na minha mão direita...

Eduardo Olímpio Espada

Chamada

Eh, meus irmãos!
Eh, moços perdidos
Em terras sem nome!
Vinde!
Vinde comigo todos de mãos dadas
Descontrair poemas esquecidos!
Poemas sem escolas e sem mestres...
Poemas de olhos azuis...
E juntos subiremos os atalhos
E faremos das nossas mãos em concha
Cheias da água das montanhas
As taças da Pureza e da Verdade!
Vinde comigo, moços!
E vereis que todos nós,
Bocas caladas
Famintas de escutar a própria voz
Unidos num só grito, num só verso,
Seremos um mundo novo
Rendendo o velho universo!

(Do livro no prelo: «As Esmolas do Mendigo»)

Eduardo Olímpio Espada

EM ANTUÉRPIA

Uma exposição de desenhos de Rubens

Na Casa de Rubens, em Antuérpia, vai realizar-se uma grande exposição consagrada aos incomparáveis desenhos que constituem um aspecto pouco conhecido da obra de Rubens.

Numerosos museus, gabinetes de estampas e coleccionadores do mundo inteiro corresponderam com entusiasmo ao apelo feito pela cidade de Antuérpia. A última exposição das obras do grande Mestre de Antuérpia data de 1927, ano em que foi comemorado o 350.º aniversário do seu nascimento. A guerra de 1940 foi um obstáculo erguido à organização duma exposição comemorativa de grande envergadura. Há alguns anos, a cidade de Antuérpia projectava a organização duma grande exposição de desenhos do Mestre.

A importantíssima exposição de esboços a óleo, de Rubens, realizada em 1953 no Museu Boymans em Rotterdam, estimulou a elaboração da actual exposição de Antuérpia. A oportunidade desta exposição é manifesta, visto que, em 1956, estarão nesta cidade, historiadores de arte estrangeiros, a seguir um curso de Verão de dois meses. Por outro lado, a cidade de Antuérpia tem a intenção de honrar o Dr. L. Burchard por ocasião do seu 70.º aniversário. Como se sabe, este erudito dedicou a sua vida ao estudo de Rubens e dos seus contemporâneos flamengos. As suas notas permitiram compôr um catálogo científico que fará fé para o estudo da obra de Rubens.

A exposição dará um apanhado sumário cronológico completo da obra desenhada de Mestre; demonstrará, sob todos os aspectos, e claramente, o grande domínio do artista.

O inventário compreende os «croquis» iniciais que Rubens desenhou para fixar as suas primeiras ideias — de maneira, aliás, muito convincente — assim como os estudos minuciosos para as suas grandes composições. A universalidade da sua arte é posta em relevo pelos seus desenhos segundo as obras antigas e os grandes mestres italianos — que, na sua maioria, datam do período italiano do Mestre — pelos seus estudos segundo a natureza, que testemunham um espírito de admirável observação, pelos seus projectos para ilustração de livros, pelos seus estudos para retratos, etc.

Algumas séries de desenhos tratando um mesmo assunto permitirão seguir o desenvolvimento de um tema e a maturação duma obra-prima do artista.

A maioria dos desenhos não tinham nunca sido mostrados na Bélgica. Alguns nunca tinham mesmo sido emprestados para uma exposição. Por tudo isto, esta manifestação artística afigura-se, pois, como única.

Que seja mencionado com reconhecimento que Sua Majestade a Rainha Juliana, da Holanda, se dignou autorizar o empréstimo dum estudo consagrado a «A Erecção da Cruz», que é pertença da sua colecção particular. Por entre os principais museus e gabinetes de estampas estrangeiros que consentiram em colaborar, encontram-se o Museu Boymans de Rotterdam, o Museu Fodor e o Rijksprentencabinet de Amesterdão, o Museu do Louvre de Paris, o «Victoria and Albert Museum» de Londres, o gabinete das estampas de Munique, os museus de Brunswick, Edimburgo, Oxford, Cambridge, Lille, Florença, Rennes, Montpellier, Oslo, Estocolmo, etc.

Enviaram igualmente desenhos muito preciosos uma dezena de museus americanos. Encontram-se expostos, da mesma maneira, desenhos menos conhecidos, pertencentes a colecções particulares.

O Duque de Devonshire e os Trustees de Chatsworth consentiram também em emprestar sete desenhos.

Arte popular francesa

O Museu das Artes e Tradições Populares de Paris, dedica uma exposição à arte popular francesa. Nela estão representadas quase todas as províncias francesas por objectos que foram escolhidos tendo ùnicamente em consideração a sua qualidade estética. Dos fins do século XVI ao século XX, todas estas obras-primas provêm de igrejas ou de aldeias da Normândia, da Auvergne, da Bretanha, dos Pirinéus ou da Provença.

A secção das artes plásticas compreende ex-votos (promessas) do Meio-dia da França, alvos dos atiradores ao arco, imagens policromadas representando S. José, Padroeiro dos carpinteiros, Santo Isidoro ou St. Vernier, dois Cristos crucificados, presépios provençais, grande número de «Santinhos», etc..

Na secção das artes aplicadas, uma tabuleta de ferrador, testemunhos da arte dos pastores, faianças, cerâmicas, toucas das mulheres do Poitou e do Anjou, um trajo completo de dançarino das Vasconga-das, etc..

Esta exposição, apresentada com extraordinário gosto e inteligente critério, revela peças cuja beleza exprime a autencidade e a riqueza da arte popular.

Cerâmicas francesas